

Evolução do Brasil

Entre 1988 e 1990, em apenas dois anos, portanto, a renda "per capita" do Brasil passou de US\$ 2.160 para US\$ 2.680, fazendo com que, na classificação do Banco Mundial, o País passasse da faixa de renda média-baixa para a renda média-alta. Por certo as fronteiras reais entre as duas situações são muito menos nítidas e dependem de muitas outras variáveis que na indicativa e teórica metodologia adotada nas estatísticas. Ainda assim, estes dados e outras informações relativas ao censo de 1991 são importantes indicativos sobre a evolução recente da sociedade brasileira e devem ser levados em conta quando se trata de planejar o futuro.

Não é preciso recorrer a estatísticas para constatar que, durante os últimos anos, ocorreu um empobrecimento da população a ponto de ser possível falar de um efeito cascata em que pobres se tornam miseráveis, remediados se tornam pobres e segmentos da classe média se proletarizam. Outros indicadores apontam igualmente para um acentuado processo de concentração de renda ao longo dos últimos anos. O exemplo mais dramático desta evolução é o número crescente de pessoas que vivem nas ruas, dormindo sob viadutos e marquises. Este fenômeno é particularmente chocante em grandes cidades como São Paulo, onde é possível ver, à noite, no centro velho da cidade, famílias inteiras, com uma aparência que não as caracteriza como mendigos, na medida em que não completaram o trajeto em direção à alienação social, vivendo nestas condições porque não lhes foi possível sequer manter uma moradia numa das inúmeras favelas da cidade.

O censo demográfico realizado em 1991 gerou grande expectativa com relação à população, que atingiu 146,2 milhões de habitantes. Decorridos alguns

meses, o trabalho de tabulação dos dados faz surgir números menos espetaculares, mas que têm enorme significado no que diz respeito à evolução do País e às perspectivas para as próximas décadas.

Os dados já processados do censo de 91 confirmam a esperada queda da taxa de fertilidade da mulher brasileira, que passou de 2,5% em 1980 para 1,9% pouco mais de uma década depois. Na maioria dos países em que este tipo de "freio demográfico" se registrou, constatou-se paralelamente uma redução da miséria e uma consolidação das faixas médias da população, o que lamentavelmente sugere que a situação brasileira seria ainda mais dramática se o crescimento da população tivesse mantido o ritmo das décadas anteriores.

O exemplo de São Paulo é ainda mais eloquente porque o decênio 80-90 foi o primeiro da história em que o número de migrantes para a região metropolitana foi menor que o de migrantes da cidade para outras localidades. Do contrário, a pressão demográfica e social seria ainda mais intensa. A realidade de Brasília é provavelmente diversa, o que não diminui a importância dos números de São Paulo (capital).

Em termos de planejamento, um dos dados mais importantes do censo e dos estudos que estão sendo realizados com base nele é aquele que indica que, a despeito da queda da natalidade, o País tem pela frente uma "onda jovem". Entre 1995 e 2000, 29 a 30 milhões de jovens entre 15 e 24 anos estarão ingressando no mercado de trabalho. Este contingente é maior que a população total de muitos países desenvolvidos. Dependendo do que se fizer até lá, esta onda poderá impulsionar o País a um novo patamar de desenvolvimento ou se converter numa avalanche. A resposta está com os adultos de hoje.